

A virada pragmática nas ciências cognitivas: mente em Peirce e afinidades com o enativismo¹

Patrícia Fonseca Fanaya²

Resumo: A “virada pragmática” nas ciências cognitivas apresenta como um dos temas principais a ideia de que a cognição está a serviço da ação, e por isso voltou-se ao pragmatismo em busca de novas perspectivas sobre a natureza da mente, a cognição e a percepção. O objetivo deste artigo é apresentar a concepção da mente na filosofia de Peirce e demonstrar que a teoria enativa, a mais radical representante do antirrepresentacionismo, tem mais afinidades com suas ideias do que se pode supor em uma análise apressada, além de colocar em evidência as contribuições da concepção peirciana às ciências cognitivas, em especial à teoria enativa.

Palavras-chave: Enativismo. Virada pragmática. Pragmaticismo peirceano. Representação.

The pragmatic turn in the cognitive sciences: the mind according to Peirce and affinities to enativism

Abstract: Pragmatism has been embraced as a method offering new perspectives on the nature of mind, cognition, and perception. One of the main arguments of the advocates of the “pragmatist turn” in the cognitive sciences is: cognition is inseparably linked to action. This article gives an outline of Peirce’s conception of mind and argues that the enactive theory of cognition, whose characteristic is a radical anti-representationalism, has more affinities with Peirce’s pragmaticist ideas than has been recognized. It gives evidence of the importance of Peirce’s conception of mind to research in cognition in general and to enactivism in particular.

Keywords: Enactivism. Pragmatic turn. Peirce pragmaticism. Representation.

Introdução

Este artigo se propõe a examinar a considerável mudança de paradigma que vem ocorrendo ao longo das últimas duas décadas, nas ciências cognitivas, no que concerne as perspectivas em relação à natureza da mente, da cognição, da percepção e

¹ Este artigo está baseado na revisão e adequação do item três, do capítulo terceiro da tese de doutoramento da autora referenciado na bibliografia.

² Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Membro dos grupos de pesquisa TransObjeto e Sociotramas, ambos ligados a PUC-SP. E-mail: patriciafanaya@gmail.com.

da ação, com especial ênfase às contribuições que a teoria enativa, iluminada pela concepção da mente e por alguns conceitos seminais da filosofia de Peirce, traz às discussões no campo das ciências cognitivas.

As tradicionais abordagens centradas na representação do mundo exterior na mente vêm sendo questionadas no âmbito das ciências cognitivas há algum tempo. Em função disso, mais recentemente, cientistas cognitivos como Richard Menary, Shaun Gallagher, Andreas K. Engel, Karl Friston, Danica Kragic, entre outros, têm voltado a atenção ao pragmatismo americano clássico, em busca de novas perspectivas que apresentem alternativas às abordagens vigentes.

Embora haja diferenças consideráveis entre os pragmatismos de Peirce, James, Dewey e Mead³, o que os une parece ser, em linhas gerais, o princípio de que a mente tem de ser explicada não só em sua dimensão física, mas também em termos de ação; e, nesse sentido, a virada pragmática pode ser de fundamental importância para o momento vivido pelas ciências cognitivas. Sobre isso, Menary (2016, p. 221) afirma:

É realmente importante que a virada pragmática forneça a moldura adequada à compreensão da natureza interativa do pensamento. O pluralismo sobre os estilos de interação está muito presente no espírito dos pragmatistas clássicos. Assim, deve-se ter o cuidado de mover de um ponto de vista dominante da cognição como sendo apenas sobre cálculos [mentais] internos de estados informativos, para outro que trata a cognição apenas como uma questão de contingências sensório-motoras (enativismo), ou que toda cognição é destinada a prever (inferir) *inputs* sensoriais de um ambiente que é externo e nunca experimentado diretamente (codificação preditiva⁴). As contingências sensório-motoras e inferências preditivas serão, sem dúvida, métodos fundamentais para a compreensão da cognição como interativa, mas se há diferenças nas interações (chamemos de estilos de interação), então é provável que o que segue é que deverá haver diferenças na forma como modelamos ou explicamos esses estilos diferentes⁵.

A expectativa desse grupo de cientistas cognitivos parece ser a de que o pragmatismo ajude a elucidar as questões centrais dessa área, como, por exemplo, o papel que a representação exerce na cognição; a possibilidade (se é que há) da existência de uma ciência verdadeiramente antirrepresentacionista da mente; uma maneira mais apropriada de conciliar a noção de representação com o anti-

³ Ver DE WAAL, Cornelius. *Sobre Pragmatismo*. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

⁴ A codificação preditiva afirma que o cérebro gera continuamente modelos do mundo com base no contexto e informações da memória, a fim de prever as entradas sensoriais.

⁵ Todas as traduções são de minha autoria para os fins específicos deste artigo.

cartesianismo; o papel do corpo ativo no processo de aquisição de conhecimento, entre tantas outras.

O acelerado avanço das pesquisas em inteligência artificial - que inclui não somente a computação subjetiva para aplicações na robótica, mas também a criação de métodos capazes de integrar circuitos analógicos e digitais para a criação de circuitos baseados em genes, a fim de transformar as células vivas em computadores complexos e, ainda, as tecnologias de melhoramento das capacidades humanas – tem trazido à tona a importância da ação para a cognição, além, também, de outras questões sobre a mente, que subjazem na capacidade analítica e interpretativa autônomas e na capacidade de geração de sentido da mente, seja esta natural ou artificialmente gerada, pois, grosso modo e em última instância, está-se referindo à própria ressignificação do estatuto do vivo.

Portanto, a fim de lidar com tamanha complexidade, parece que a legítima escola filosófica americana pode contribuir de maneira frutífera com as ciências cognitivas, lançando novas luzes às discussões teóricas bem como auxiliando na formulação de novas metodologias de pesquisa.

Cognição corporificada, enativismo e a mente na vida

Em 1991, Varela, Thompson e Rosch apresentaram a abordagem enativa, em *The Embodied Mind* - à época, uma proposta original e radical no campo das ciências cognitivas, que representou um ataque direto às concepções de mente e agenciamento vigentes

[...] em particular à noção dominante que as interações cognitivas dos agentes com o mundo são essencialmente mediadas por um dispositivo de processamento de informação interno, tomado como exemplo perfeito o computador digital, ligado a sensores e substâncias que reagem a estímulos (Torrance & Froese, 2011, p. 22).

A originalidade e radicalidade da proposta residia no fato de que havia, de maneira explícita ou implícita, uma tendência inequívoca por parte dos cientistas cognitivos, de considerarem como de menor importância o papel do corpo físico e do ambiente na promoção do sucesso adaptativo; ou seja, a tendência de se estudar a

complexidade interna da mente, enquanto se simplificava ou ignorava as intrincadas relações interior/exterior que caracterizam a maior parte dos problemas biológicos básicos (Clark, 1998, p.35). Para os adeptos dessa estratégia explicativa da mente, também conhecida como internalismo ou isolacionismo, a cognição pode ser explicada a partir das operações internas da mente que operam sobre os modelos de mundo também internos – ou seja, o mundo é apenas uma fonte de *inputs* e uma arena para *outputs*. O corpo, no caso, é apenas um órgão para receber *inputs* e efetuar *outputs* (ibid. p. 36).

De acordo com Gallagher (2014)⁶ o conceito de cognição corporificada (*embodied cognition*), que está na base da teoria enativa, ainda é, de certa forma, instável. Uma das principais razões para isso está na quantidade e diversidade das abordagens que, cada uma a seu modo, investiga o papel do corpo na cognição. As abordagens variam desde as concepções que sugerem participações mínimas ou fracas da corporificação na cognição, até as abordagens que atribuem um forte papel ao corpo nos processos cognitivos, e que são, conseqüentemente, as mais radicais, como, por exemplo, a abordagem enativa. Essas variações estão associadas às diferentes perspectivas que podem partir de princípios variados como o computacional, o semântico ou o ecológico; da cognição estendida/ distribuída; ou do enativismo. Gallagher (2014) afirma que “em meio a essas diferentes perspectivas, não há consenso sobre quão importante o corpo é para a cognição”.

Em *The Embodied Mind*, de acordo com Thompson (2010, p. 13), o que os autores tentaram fazer, em reação à estratégia internalista foi unificar, sob um único conceito, várias ideias, a saber: 1. Os seres vivos são agentes autônomos que se geram e se mantêm ativamente, e, por isso, também geram (*enact*) seus próprios domínios cognitivos; 2. O sistema nervoso é um sistema autônomo e dinâmico: ele gera e mantém ativamente seus próprios padrões de atividade coerente e significativa, em consonância com sua operação de rede circular e reentrante dos neurônios interativos; ele não processa informações no sentido computacional, mas cria significado; 3. Cognição é o exercício de hábil *know-how* na ação situada e encarnada. As estruturas e processos cognitivos emergem de padrões sensório-motores recorrentes de percepção

⁶ Seminário proferido durante a Spindel Conference 2014. Disponível online em: <https://www.youtube.com/watch?v=AM21Scc2P7Q&feature=youtu.be> Variations on Embodied Cognition. Memphis, TN, USA, 2014.

e ação. O acoplamento sensório-motor entre o organismo e o ambiente modula, mas não determina a formação de padrões endógenos e dinâmicos de atividade neural, que, por sua vez, informa de volta o acoplamento sensório-motor; 4. O mundo cognitivo do ser não é um reino pré-especificado, externo, representado internamente pelo cérebro, mas um domínio relacional gerado pela agência autônoma e pelo modo de acoplamento com o ambiente; 5. A experiência não é epifenômeno ou uma questão de menor importância, mas sim uma questão fundamental para a compreensão da mente e que precisa ser investigada cuidadosamente pela fenomenologia.

Para Torrance & T. Froese (2011, p. 23)

Estes cinco temas baseiam-se em uma série de tradições teóricas, por exemplo, a teoria autopoietica de Varela e Maturana (1987), a fenomenologia de Merleau-Ponty (1945) e trabalhos recentes sobre sistemas dinâmicos (por exemplo, Port e Van Gelder, 1995), bem como (em algumas interpretações de enativismo) apoiando-se em temas de tradições de meditação oriental (em especial em Varela *et al.*, 1991). Colocando todas estas diferentes vertentes juntas, têm-se uma visão de agenciamento que enfatiza como um agente e o mundo em que ele age podem, num sentido importante, ser vistos como “co-constitutivos” ou em “co-habilitantes” um em relação ao outro.

De forma geral, para Varela, Thompson e Rosch, portanto, tanto a cognição quanto o conhecimento evoluem por meio das ações no mundo; a cognição é o exercício de hábil *know-how* de ação situada e corporificada; e a vida mental é a vida do corpo e situa-se no mundo, e não apenas dentro do cérebro humano.

A abordagem enativa defende a ideia de que a ciência da mente e as investigações fenomenológicas da experiência humana devem se informar mutuamente, porque é fundamental que se explique não só a natureza física, mas também a natureza experiencial da mente. E, ainda, a mente constitui seus objetos - ou seja, os traz à consciência e os apresenta e/ou revela; eles são revelados e se tornam disponíveis à experiência, graças às atividades intencionais da consciência. Importante frisar, portanto, que, para essa abordagem, a mente não é uma arena íntima confinada ao cérebro, que recebe impressões sensoriais traduzidas em representações dentro da cabeça e, como consequência, produz algum tipo de *output* que leva a esse ou aquele tipo de comportamento.

Os enativistas desafiam os conceitos representacionais e funcionalistas da mente e apontam para a importância da corporificação. Além, disso, defendem que os processos cognitivos - particularmente a percepção - dependem de se ter um corpo com certos tipos de habilidades sensorio - motoras, além de hábitos.

A abordagem enativa (e outras abordagens da cognição corporificada, em geral) desafiou o pensamento representacional, e apontou mais propriamente para a maneira que o conhecedor, ou o agente cognoscente — o animal ou a pessoa, se preferir — [...] interage com o ambiente, e não é um representante passivo do ambiente, mas molda ativamente esse ambiente de maneira a torná-lo significativo para si. Portanto, foi um movimento que se afastou da representação e foi em direção à ação e à interação (THOMPSON, *podcast* - entrevista a Campbell, 2012).

Esse antirrepresentacionismo dos enativistas é, portanto, uma reação direta ao cognitivismo e ao conexionismo, abordagens computacionais e internalistas da mente, que trabalham com a ideia fundamental de que os processos mentais manipulam representações do mundo exterior na cabeça. Para as abordagens computacionais, a representação é uma concepção objetivista, pois, o que lhes interessa é o processo de codificação da informação sobre o mundo realizado nas estruturas internas do cérebro, independentemente do contexto; e a cognição é o processamento dessas informações. O problema é que isso pressupõe um observador externo ou *designer* que “determina”, por assim dizer, o que pode ser considerado informação, erro ou sucesso na representação (THOMPSON, 2010, p. 52).

Para os enativistas a informação é dependente do contexto e está relacionada ao agente e ao modo de acoplamento estrutural do sistema dinâmico ao ambiente; e é isso que ajuda a determinar o que é informação (ibid., 51-2). Consequentemente, a vida é o resultado de contingências altamente estruturadas, e não apenas o resultado das especificações (programação) do código genético:

[...] as complexidades são numerosas, mas o ponto básico é fácil de expor: a cadeia causal entre as sequências de DNA e as características fenotípicas é muito indireta, complexa e multifacetada para que haja qualquer relação robusta de um-para-um entre elas (ibid., p. 181).

Thompson discute nessa passagem o conceito de informação, que foi explicitamente introduzido no campo da biologia molecular por Francis Crick, que o

definiu como “a especificação da sequência de aminoácidos de uma proteína”. O conceito de informação genética está baseado no fato de o assim chamado código genético ser o meio/veículo pelo qual os genes especificam os tipos de proteínas que a célula pode produzir — mais precisamente, o código genético corresponde a um sistema no qual tipos particulares de nucleotídeos triplos no DNA especificam determinados tipos de aminoácidos. Assim, diz-se que a síntese de proteína envolve “instruções” que estão “escritas” no DNA, e depois decodificadas em um complexo processo de “transcrição” e “tradução” molecular. *Transcrição* corresponde à produção, a partir do gabarito do DNA, de uma sequência complementar de moléculas mensageiras triplas de RNA (mRNA); *tradução* corresponde à produção de uma sequência de aminoácidos a partir da sequência do mRNA.

Fica claro que, ao criticar a metáfora das informações codificadas, pode-se inferir que Thompson está questionando a abordagem tradicional da comunicação como processo linear (emissor — código — receptor), o código como mero meio de transporte da informação, e a tradução como atividade meramente mecânica de transposição (ou transcrição) de informações sobre a qual não pesaria a influência do ambiente e do contexto.

A teoria da autopoiese e sua herdeira mais direta, a teoria enativa, propõem uma perspectiva interpretativa da vida desde sua origem. Ou seja, é a partir da interação dos sistemas vivos com o ambiente que se determina o que é informação. Pode-se inferir, portanto, que o processo de comunicação que essa abordagem propõe não é linear, assim como o código não é mero meio de transporte da informação, mas sim agente com papel transformador no processo de comunicação (porque contém informações implícitas sobre o ambiente), e a tradução não é sinônimo de transcrição fiel, mas processo criativo resultante da interação dos organismos vivos com ambiente e contextos e que está repleto de ruídos e ocorrências inesperadas.

A virada pragmática nas ciências cognitivas

Mais recentemente, uma nova perspectiva apontou no cenário das ciências cognitivas e foi denominada de “virada pragmática”. De acordo com Menary (2016, p.

219), “o tema principal da ciência cognitiva pragmática é que a cognição é para a ação”. Pode-se inferir, portanto, que o termo “pragmática” surge no panorama das ciências cognitivas com a finalidade de reforçar a ideia de que a cognição está “a serviço” da ação. Menary completa dizendo que a virada pragmática “fornece um modelo para compreender a cognição que é distintamente diferente do tradicional, o qual considera a cognição como sendo estruturada por cálculos sobre abundantes conteúdos representacionais” (ibid.).

Entretanto, é importante comentar que, embora o método pragmático possa contribuir de modo importante para as discussões já em curso nas ciências cognitivas, a observação de Schiller (cf. DE WAAL, 2007, p. 14), de que há diferenças consideráveis entre os pragmáticos, precisa ser levada em séria consideração, pois sugere que há diversidade na concepção do método, assim como diferenças, e até mesmo contradições teóricas. Por exemplo, Peirce criticou veementemente a concepção de pragmatismo de William James, a ponto de ter renomeado seu pragmatismo como “pragmaticismo”, com o objetivo explícito de se diferenciar da concepção jamesiana - que, no caso da virada pragmática nas ciências cognitivas, tem-se mostrado a versão mais difundida. A pergunta que fica, portanto, é: a partir de que pragmatismo está se falando?

A proposta aqui é colocarmos em evidência as contribuições da concepção da mente de Peirce às ciências cognitivas, em especial à teoria enativa. No entanto, um problema emerge desse encontro: os enativistas questionam abertamente o papel da representação mental na cognição, e, dentre todas as abordagens em curso no campo da cognição corporificada, talvez sejam eles os mais radicais em relação a isso; e a teoria semiótica, parte fundamental da metodêutica peirciana, é, sem dúvida alguma, uma teoria da representação.

A mente em Peirce, enativismo e representação

Muitos são aqueles entre os especialistas na filosofia de Peirce, que corroboram com a ideia de que ele concebia o mundo de forma sistêmica. Por exemplo, como aponta Colapietro (1989, p. xvi), para Peirce, “as várias ciências não são

simplesmente uma coleção aleatória de atividades distintas, elas devem ser vistas como partes de um sistema”. Peirce era um anticartesiano (SANTAELLA, 2004) e propôs uma mudança radical de paradigma nos métodos de pesquisa, insistiu na ubiquidade da mente na natureza, postulou sobre a continuidade dinâmica da mente no mundo e defendeu a ideia de que os signos não são expressões, conteúdos ou produtos da mente, mas, ao contrário disso, a realidade da mente é o desenvolvimento dos signos (SANTAELLA, 2004, p. 6). A atividade mental *começa* com os signos. E a realidade dos signos é se multiplicarem em outros signos num processo de semiose *ad infinitum*.

Dito isso, é importante frisar, portanto, que a teoria dos signos de Peirce é também, e acima de tudo, uma teoria da representação e isso pode levar à suspeita de uma incompatibilidade com a abordagem enativa nas ciências cognitivas.

Defendo (Fanaya, 2014, p. 94), no entanto, que a ideia de representação de Peirce, baseada em suas categorias, na teoria geral dos signos e em sua tese da continuidade (sinequismo) está mais alinhada com o que defende a abordagem enativa do que se pode supor em uma análise apressada. Menary, em trabalho mais recente (2016, p. 222), parece corroborar com essa ideia:

[...] pragmáticos e internalistas divergem sobre o papel e a importância das representações na cognição. Os pragmáticos estão geralmente alinhados com o enativismo e a cognição corporificada em reduzir a importância das explicações da representação na cognição, certamente em termos de estados de representação interna que causam comportamento.

A ideia de representação em Peirce vai muito além daquelas concepções dualistas e computacionais que as ciências cognitivas têm levado em consideração — isto é, a ideia de que existem estruturas/estados/processos mentais que manipulam a representação do mundo exterior na mente, em forma de *inputs* e *outputs*.

Para Peirce, a semiose ou ação do signo é um processo dinâmico, encarnado e situado, pois está baseado tanto em sua tese da continuidade quanto em suas três categorias gerais: primeiridade, secundidade e terceiridade. “Peirce rejeitou veementemente qualquer separação dualista entre a consciência e a matéria, uma vez que isso trairia seu sinequismo, o qual prescrevia o evolucionismo radical e, conseqüentemente, um antidualismo radical” (SANTAELLA, 2001, p. 56). A categoria da

terceiridade, por si só, contradiz veementemente o dualismo. Na passagem abaixo, Parker define claramente a terceiridade como categoria da continuidade:

A semiótica é a ciência da terceiridade; a terceiridade é a categoria da continuidade perfeita, que é o elemento irreduzível dos fenômenos, e a definição matemática de um processo contínuo perfeito é precisamente aquele cujas partes (incluindo seus aparentes pontos finais) são contínuas da mesma maneira como o todo. O processo de abstração que leva à 'primeira representação' é, em si, um processo semiótico contínuo e não é, de fato, diferente do processo de abstração que ocorre em qualquer representação subsequente. A semiose é um processo objetivo, é um *continuum* de representação e interpretação. Ela reflete a natureza processual contínua dos fenômenos, e fornece um conjunto de termos e princípios que são aplicáveis a praticamente todos os outros processos (Parker, 1998, p. 149).

A semiose é apresentada, portanto, como um processo autogerativo, desenvolvimental e dinâmico e não como um estado mental estático; ela é contínua, porque os signos se multiplicam em outros signos e esse processo tende ao infinito; e, ainda, importante frisar, que, para Peirce, nem a origem e nem os interpretantes resultantes da semiose são necessariamente mentais:

Quando estudado para além de uma mera definição técnica, à luz do conceito metafísico de sinequismo, a noção de semiose aparece como uma noção-síntese que integra em um mesmo tecido lógico as distintas substâncias do mundo físico, do ecobiológico, do tecnológico e do antropológico. Isso nos permite questionar o cartesianismo que ainda está implícito em quaisquer oposições entre físico e biosfera, entre bio e semiosfera, entre fisio e semiosfera. Longe das simples oposições, o conceito peirciano de semiose nos leva a compreender as diferenças entre essas esferas como diferenças de grau e não de natureza, o que faz jus à afirmação peirciana de que o universo está permeado de signos, constituindo-se, portanto, em uma vasta semiosfera, preche de diferenciações, mas todas elas unidas pelos fios lógicos da semiose (Santaella, 2007, p. 122-3).

A teoria dos signos de Peirce oferece mais do que uma teoria da representação baseada em relações diádicas, funcionais ou de causação mecânica, pois sua natureza é essencialmente triádica. Um signo não representa simplesmente um objeto, mas representa um objeto para um interpretante; o interpretante é o efeito que o signo causa em uma mente, ou seja, ele é a própria ação do signo⁷. Além disso, Peirce não se

⁷ Um interpretante não deve ser confundido com o ato de interpretação, pois este caso é apenas uma das espécies de interpretante a qual é realizada voluntariamente por um intérprete humano e, assim, apenas um aspecto possível da semiose.

refere à mente como exclusivamente humana, pois ele não compactuava com a ideia de que a mente só existe dentro de crânios humanos. Para ele, a mente, o pensamento, ou a ação inteligente, se estende e está situada no mundo que se apresenta. Nas palavras de Colapietro (2012):

Quando começamos a acordar para o fato de que somos seres pensantes [i.e, agentes reflexivos] e podemos exercer algum controle sobre nossos raciocínios, temos de definir nossas viagens intelectuais a partir da casa em que já nos encontramos. Esta é a paróquia de perceptos. Não é dentro de nossos crânios, mas a céu aberto. É o mundo externo que observamos diretamente.

De acordo com Colapietro (ibid.), da perspectiva peirciana, a mente e a cognição começam na “paróquia dos perceptos”, e percepções são julgamentos sobre o mundo feitos por seres encarnados, agentes situados e não apenas representações internas de realidades exteriores; e, ainda, que os perceptos

[...] geralmente não são julgamentos distintos e conscientes, mas fases integrantes de um processo contínuo no qual a inconsciência e as inferências incontroláveis trabalham em direção a uma sintonia situacionalmente delicada entre nossos hábitos somáticos e os hábitos das coisas com as quais nossos corpos estão intimamente entrelaçados. Esses julgamentos ocorrem em várias instâncias, mas quase sempre da mesma maneira. Qualquer outro que possa ser o caso em relação às características da percepção, os perceptos de Peirce estão ao fundo dos julgamentos diretos sobre o mundo real, na forma qualitativamente texturizada em que este mundo se faz presente a nós por meio da experiência (ibid.).

Peirce rejeitou veementemente a ideia de que a mente fosse uma máquina representacional, cuja única função fosse representar o mundo exterior. Ele acreditava que um organismo vivo é uma força dinâmica e presente no mundo; portanto, era natural que rejeitasse o modelo de comportamento humano dualista de estímulo-resposta. Para Menary (2016, p. 222),

A principal diferença entre Peirce e a maioria das teorias de conteúdo representacional que foram formuladas ao longo dos últimos quarenta anos, é que Peirce não tem um simples modelo de “veículo como portador de informação” do conteúdo mental, nem pensa que os signos (ou representações) estão em uma relação diádica simples com um objeto. Sua visão madura é que os signos se desenvolvem em um processo de interpretação dinâmica contínua.

Pode-se inferir que, para Peirce, a cognição é sempre mediada e de natureza semiótica, pois os pensamentos não ocorrem imediatamente à mente, isto é, uma mente não começa com um *cogito*. De sua perspectiva, os pensamentos só podem ocorrer através da mediação de um “conjunto complexo de mecanismos mais ou menos integrados e outros fatores, incluindo, obviamente, o cérebro” (Colapietro, Berlin Keynote, 2012).

Após essas considerações, é imprescindível que se relembrem, rapidamente, quatro das cinco ideias⁸ que, de acordo com Thompson, deveriam ser apresentadas e discutidas em *The Embodied Mind*, mencionadas em sessão anterior: 1) Os seres vivos são agentes autônomos que se autogeram e se mantêm ativamente, e, assim, também constituem ou produzem seus próprios domínios cognitivos; 2) a cognição é o exercício de hábil *know-how* situado e encarnado à ação; 3) o mundo do ser cognitivo não é pré-especificado, um domínio externo representado internamente pelo seu cérebro, mas um domínio relacional constituído ou produzido pela agência autônoma e pelo acoplamento com o ambiente; 4) A experiência não é epifenômeno e precisa ser investigada cuidadosamente à luz da fenomenologia.

Apesar de Peirce não ter discutido questões relativas às especificidades da autogeração biológica dos seres humanos com as quais a teoria enativa também se ocupa de certa maneira, as afinidades, senão coincidências, com as ideias de Peirce são claras. Para ele, como anteriormente apresentado, a mente está na natureza e não somente nos crânios humanos; os domínios cognitivos não existem *a priori*, mas são criados a partir da relação interativa com o mundo que se apresenta ao agente encarnado e situado; e a experiência está na base de toda a sua arquitetura filosófica e, com certeza, não se apresenta como um epifenômeno.

Peirce e os enativistas concordam com a ideia da continuidade da mente na vida-mundo. A questão que deve ser repensada, portanto, é que o representacionismo abraçado por cognitivistas e conexionistas e rebatido pelos enativistas é muito

⁸ O segundo ponto das questões apresentadas por Thompson foi omitido aqui em função de a autora entender que não é possível traçar quaisquer paralelos entre as ideias de Peirce e questões relacionadas às relativamente recentes descobertas científicas sobre a anatomia e o funcionamento do sistema nervoso.

diferente da teoria da representação presente na semiótica de Peirce, que, por sua vez, está umbilicalmente ligada ao seu pragmaticismo⁹. Aliás, nada pode ser mais distante.

Considerações finais

Os avanços nas pesquisas em inteligência artificial, com destaque para a crescente simbiose entre os seres vivos e as tecnologias, estão redefinindo a maneira como pensamos e nos relacionamos com a biologia e têm trazido à tona questões sobre as relações mente/corpo/vida-mundo que grosso modo, colocam em discussão o próprio estatuto do vivo.

A partir deste contexto, as ciências cognitivas estão experimentando uma importante mudança de paradigma, gerada pela assim chamada virada pragmática. Entretanto, há de se apontar que há diversidade na concepção do método pragmático e que se deve atentar para isso a fim de que a contribuição do pragmatismo seja frutífera ao lançar novas luzes às discussões teóricas e à formulação de novas metodologias de pesquisa.

Dentre as abordagens da cognição corporificada, a enativa é a mais radical reação à ideia de que a mente representa o mundo exterior através de mecanismos de *inputs* e *outputs* e, por seu caráter antirrepresentacionista, há uma tendência a se considerar que esta seja incompatível com qualquer outra teoria que abrace a ideia de representação - e a teoria semiótica, que está no coração da filosofia peirciana, é, acima de tudo, uma teoria da representação.

Em função disso, este artigo tratou de discutir as compatibilidades da concepção de mente contida na filosofia de Peirce com a teoria enativa, descrevendo, resumidamente algumas de suas principais ideias, apontando as afinidades e apresentando as possíveis contribuições que ela pode trazer às discussões no campo das ciências cognitivas, dentre elas: a ideia de que a mente é pervasiva na natureza; que os domínios cognitivos não existem *a priori*, mas são criados a partir da relação interativa (comunicação) com o mundo que se apresenta ao agente encarnado e situado; que a experiência está na base de toda a arquitetura filosófica peirciana e,

⁹ Peirce cunhou o termo "pragmaticismo" a fim de se diferenciar de outras concepções de pragmatismo, especialmente as de James e Schiller, que, em sua visão, fizeram dela um princípio especulativo, muito distante de sua concepção estritamente lógica.

portanto, não se apresenta como um epifenômeno; que a mente não começa com um cogito, mas que a realidade da mente é a produção de signos; que a semiose é processo dinâmico e contínuo de representação e interpretação; que nem a origem e nem os interpretantes resultantes do processo de semiose são necessariamente mentais; que a mente não é uma máquina representacional cuja única função é representar o mundo exterior numa relação dualista estímulo-resposta; que um signo não representa simplesmente um objeto, mas representa um objeto para um interpretante, estabelecendo, assim, uma relação triádica e nunca diádica.

Por fim, em relação ao papel do corpo em ação na cognição, do ponto de vista de Peirce, há de se terminar com suas próprias palavras: “Assim como dizemos que o corpo está em movimento e não que o movimento está no corpo, devemos dizer que estamos no pensamento e não que o pensamento está em nós” (CP 5.289).

Referências

- CLARK, Andy. **Embodiment and the Philosophy of Mind**. In A. O’Hear (ed). *Current Issues in Philosophy of Mind: Royal Institute of Philosophy Supplement 43*, Cambridge University Press: 1998, p. 35 – 52.
- COLAPIETRO, Vincent. **Being Out of Our Minds: Embodied Agents and Eccentric Bodies**. Manuscrito da palestra proferida na "Conference: Mind in Motion and the Body of the Sign – Peirce’s Semiotical Pragmatism", Humboldt Universität, Institut für Kunst- und Bildgeschichte, Berlim, março 2012.
- DE WAAL, Cornelius. **Sobre Pragmatismo**. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.
- FANAYA, Patrícia. Autopoiese, **Semiose e Tradução: vias para a subjetividade nas redes digitais**, 2014, 151p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2014.
- FANAYA, Patrícia F.; JUNGK, Isabel V. G. **A mediação por Peirce: uma rica contribuição filosófica aos estudos da cognição corporificada**. In: Encontro Internacional de Pragmatismo, 16o., 2015, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Resumos. Org. Centro de Estudos de Pragmatismo. – São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo, 2015, p. 106-8.
- GALLAGHER, Shaun. **Embodied Cognition by Prof. Shaun Gallagher**. Seminário. Disponível em: <<https://youtu.be/AM21Sc2P7Q>>. Acessos em 09 e 10/06/2016.
- MENARY, Richard. **Pragmatism and the Pragmatic Turn in Cognitive Science**. In Engel, A. K., K. J. Friston, and D. Kragic, eds. 2016. *The Pragmatic Turn: Toward Action-Oriented Views in Cognitive Science*. Strüngmann Forum Reports, vol. 18. Cambridge, MA: MIT Press, 2016.
- NÖTH, Winfried. **Crisis of Representation?** *Semiotica* 2003 (143), p. 9-15, 2003.
- PARKER, Kelly A. **The Continuity of Peirce’s Thought**. 1. Ed. (The Vanderbilt Library of American Philosophy). Nashville: Vanderbilt University Press, 1998.
- PEIRCE, Charles S. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. HARTSHORNE, C., WEISS, P. e BURKS, A. (Orgs.) Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-35 e 1958; 8 vols. [Obra citada como CP, seguido pelo número do volume e número do parágrafo].
- SANTAELLA, Lucia. **Matter as Effect Mind: Peirce’s Synechist Ideas on the Semiotic Threshold**. *Sign System Studies* 29.1, 2001.
- SANTAELLA, Lucia. **O Método Anticartesiano de C. S. Peirce**. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Corpo e Comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2008.

THOMPSON, Evan. **Mind in Life: biology, phenomenology, and the sciences of mind**. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press, 2010.

THOMPSON, Evan. [entrevista]. Brain Science Podcast com a Dr.^a Ginger Campbell, episódio nº 89, originalmente exibido em 10/03/12. Disponível em: <<http://brainsciencepodcast.com/bsp/mind-in-life-with-evan-thompson-bsp-89.html>>.

TORRANCE, Steve; FROESE, Tom. **An Inter-Enactive Approach to Agency: participatory sense-making, dynamics, and sociality**. Humana.Mente. 15: 21-53, 2011. (Acesso: 07/06/2016 em: <<http://philpapers.org/rec/TORAIA-2>>)

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **The Embodied Mind: cognitive science and human experience**. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.